

ANAIS do 24º Congresso Brasileiro de Espeleologia

Ouro Preto MG, 11-13 de julho de 1997 - ISSN 2178-2113 (online)

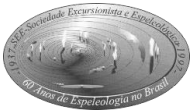


O artigo a seguir é parte integrando dos Anais do 24º Congresso Brasileiro de Espeleologia disponível gratuitamente em www.cavernas.org.br/24cbeanais.asp

Sugerimos a seguinte citação para este artigo:

LA-SALVIA; E.S.. Os 60 anos da Sociedade Excursionista e Espeleológica e da Espeleologia Brasileira. In: RASTEIRO, M.A.; PEREIRA-FILHO, M. (orgs.) CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, 24, 1997. Ouro Preto. *Anais...* Campinas: SBE, 2017. p.103-108. Disponível em: http://www.cavernas.org.br/anais24cbe/24cbe_103-108.pdf. Acesso em: *data do acesso*.

Consulte outras obras disponíveis em www.cavernas.org.br



OS 60 ANOS DA SOCIEDADE EXCURSIONISTA E ESPELEOLÓGICA E DA ESPELEOLOGIA BRASILEIRA

Eliany Salaroli LA SALVIA - Sociedade Brasileira de Espeleologia - SBE (nº 955); Fundação Museu do Homem Americano - Fumdam; Recife PE.

Resumo

Neste artigo a autora pretende fazer uma retrospectiva de acontecimentos que se desenvolveram nos 60 anos da Sociedade Excursionista e Espeleológica, principalmente na última década. Cita alguns fatos da espeleologia brasileira como um todo. Se alguma coisa ficou de fora, peço desculpas de antemão.

Palavras-Chave: espeleologia brasileira; S.E.E.; cientificidade e preservação.

Abstract

In this article, the authoress pretends to do a retrospective of events which grew in the 60 years of Sociedade Excursionista e Espeleológica, essentially in the last decade. Cites some facts of brazilian speleology like a the whole. If something stayed out, I'm sorry.

Keywords: brazilian speleology; S.E.E.; scientificity and preservation.

APRESENTAÇÃO

Falar da Espeleologia Brasileira e da Sociedade Excursionista e Espeleológica não é uma tarefa muito fácil, apesar de ser muito prazerosa. São 60 anos de história, de dificuldades, de amorismo, de conquistas e de muitas cavernadas.

Neste presente artigo comemorativo dos 60 anos da Espeleologia Brasileira e, sobretudo, da querida Sociedade Excursionista e Espeleológica, pretendo ressaltar alguns fatos e pessoas que contribuíram para o desenvolvimento da Espeleologia no Brasil, seja a nível científico, administrativo ou histórico.

Por muitos anos fui sócia da SEE e de 1994 a 1995, dediquei-me à sua história, documentos, artigos, autores, etc. Portanto, é com muita honra que dedico agora estas palavras e linhas.

INTRODUÇÃO

O fascínio que as cavernas inspiram, pela beleza dos seus salões ornamentados com cortinas, púlpitos, abóbadas enfeitadas com estalagmites e estalactites, "onde não se ouve senão o silêncio, nada se vê senão as trevas", sempre foi fonte de admiração, mistério, medo, magia, encantamento e desafio para os curiosos mais ousados.

A caverna figura nos mitos de origem, de renascimento e de iniciação de numerosos povos.

Por exemplo, nas tradições gregas, o simbolismo da caverna como mundo une o simbolismo metafísico (a significação cósmica) e o simbolismo moral (ético): a construção de um "eu" harmonioso faz -se à imagem de um cosmo harmonioso (CHEVALIER, 1993).

Nas tradições do Extremo Oriente, além de certas interpretações de interesse secundário, a caverna é o símbolo do mundo, o lugar do nascimento e da iniciação, a imagem do centro e do coração. Seu chão corresponde à Terra e seu teto ao Céu.

Nas sociedades científicas e tecnológicas atuais, a forma de pensamento dominante não é mais o mitológico e, sim, aquele que "valoriza a matemática, a construção lógica e a experimentação". Estas sociedades são produtos de uma produção econômica e cultural que corresponde ao próprio surgimento do capitalismo e da ciência moderna.

Assim, no século XIX, sob os auspícios da ciência moderna, a caverna, de símbolo mitológico passa a ser encarada como um valioso objeto de estudo científico. E isto se deveu, principalmente, aos trabalhos de Eduard Alfred Martel, desenvolvendo a Espeleologia segundo métodos de observação e investigação científica. Martel é considerado o Pai da Espeleologia (DEQUECH, 1987).

No Brasil, há registros de uma relação estreita com as cavernas desde o período pré-histórico e, mesmo entre os índios, existem cerimônias religiosas ocorridas nos salões de entrada das cavernas.

Durante os séculos XVII e XVIII, os vários viajantes e naturalistas estrangeiros que percorreram distintos caminhos pelo interior do Brasil, relataram a existência de cavidades, principalmente nas Minas Gerais. Já no século XIX, Peter Lund, ocupou-se em desenvolver a Paleontologia Brasileira e, ao buscar seus fósseis, também encontrou muitas cavernas, as quais sempre registrou e documentou.

Em finais do século XIX, outro estrangeiro, Richard Krone, que aqui se instala para contribuir com sua engenharia, permanece no Vale do Ribeira de Iguape (SP), onde acaba por desenvolver alguns trabalhos nas cavidades ali encontradas. Em 1907, Krone foi contratado pelo Museu Nacional do Rio de Janeiro para realizar uma exploração metódica e científica no Vale do Ribeira de Iguape, que resultou na publicação de "As Grutas Calcárias do Vale Ribeira do Iguape" no Boletim do Arquivos do Museu Nacional, fornecendo o primeiro cadastro espeleológico do país com 41 cavernas descritas. Desta forma, Krone limitou-se à prospecção, exploração, cadastramento, mapeamento e proteção das cavidades naturais. Deve-se a ele, talvez, as primeiras fotografias de cavernas a partir de 1898, utilizando o explosivo magnésio para iluminação, assim como a descoberta do bagre - cego na Gruta das Areias.

Em Ouro Preto, a Espeleologia chega através de publicações nacionais e, principalmente internacionais, recebidas pela Biblioteca da Escola de Minas, despertando o interesse por esse ramo do conhecimento por parte de alguns alunos.

Este despertar de interesses resultou na fundação da Sociedade Excursionista e Espeleológica dos alunos da Escola de Minas de Ouro Preto, nos idos de 1937. Os seus fundadores foram: Victor Dequech, Walter Von Krüger, Paulo Anibal M. de Almeida Rolff (*in memoriam*), Lisanel de Melo Mota, Murilo de Andrade Abreu e Sandowal C. de Almeida.

De 1938 a 1950

A primeira expedição da recente Sociedade, foi de 25 de Janeiro de 1938 a 02 de fevereiro do mesmo ano. Esta expedição incluiu as cavidades de Matozinhos, Bom Jardim, Periperi e Cordisburgo. O

resultado desta expedição está publicado na Revista Espeleologia, nº 02, 1970.

Desta expedição destacam-se as grutas:

- Ω Gruta dos Poções: encontrado em suas proximidades um paredão com pinturas rupestres.
- Ω Gruta do Morro Redondo: gruta vertical, onde foram encontrados morcegos, ratos e ouriços-cacheiros mumificados naturalmente.
- Ω Gruta dos Estudantes: também de acesso vertical de 45 m, descoberta nesta primeira expedição, onde ocorre a presença de espeleotemas raros (flores de gipsita).
- Ω Gruta da Lavoura: ocorrência de pequeno lago no seu interior.
- Ω Gruta da Pontinha: descoberta de ossadas do Homem de Lagoa Santa, a 20 de Julho de 1939, que datam em torno de 12.000 Anos AP.

Nos anos 40, destacam-se os trabalhos por suas topografias expeditas, descrições minuciosas e caracterizações geológicas e bioespeleológicas. Neste período escreveu-se o primeiro estatuto da SEE, como também organizou-se toda a documentação da Sociedade, graças ao interesse de um dos seus sócios de maior destaque deste período: José Raymundo de Andrade Ramos.

Devido à Segunda Guerra Mundial, interrompe-se os contatos com a Federação Francesa de Espeleologia, o qual ocorria desde a fundação da SEE.

Na Gruta do Morro do Bule, foram descobertas ossadas de 12 indivíduos, tendo isto publicado na Revista Espeleologia, Nov./69; são feitas reproduções dos painéis de pinturas rupestres encontradas nas proximidades da Gruta dos Poções, Lavoura e das Cacimbas, publicada na Revista da Escola de Minas, nº 03, Jul./49.

Portanto, este período se caracteriza pelas dificuldades na própria estruturação da SEE, tanto a nível da organização interna quanto à saídas de campo, já que esta tinha problemas à respeito do transporte. Para se ter uma idéia, a primeira expedição foi feita de trem, lombo de burro e à cavalo.

Neste período, em São Paulo, ocorre a criação e consolidação do PETAR - Parque Estadual e Turístico do Alto do Ribeira.

De 1950 a 1975

Nos anos 50, destacam-se as prospecções espeleológicas à NW e SW de Minas Gerais, destacando-se o levantamento espeleo-topográfico da Gruta dos Palhares, no município de Sacramento - MG, a qual se encontra em uma formação geológica caracterizada por camadas de arenito e basalto, artigo este publicado na Revista da Escola de Minas, nº 02, Jan./56. Em São Paulo surge o Clube Alpino Paulista que desenvolve suas prospecções no Vale do Rio Ribeira de Iguape. Inicia-se o desenvolvimento da Espeleologia no Brasil, inclusive com a primeira tentativa de criação de uma Sociedade Brasileira de Espeleologia, mas que não teve continuidade.

Em Ouro Preto, no início dos anos 60, cria-se o curso de Engenharia Geológica na Escola de Minas de Ouro Preto, o qual veio a contribuir definitivamente para o desenvolvimento da Espeleologia, dando mais atenção à formação e evolução tanto das cavidades, como dos espeleotemas.

Em 1964 realiza-se o Primeiro Encontro Anual da pequena comunidade espeleológica brasileira, na Gruta Casa de Pedra em São Paulo.

No IV Congresso Nacional de Espeleologia, em 1969, na cidade de Ouro Preto, criou-se a Sociedade Brasileira de Espeleologia, a qual vem atuando até hoje. Esta criação contou com seis membros da SEE: Jairo de Vasconcellos Reis, César Mendonça, Inês Gomes Guimarães, Márcio Von Krüger, Roberto Lopes Machado e Geraldo F. Fortes.

Neste período, também nota-se uma crescente aparição de diversos grupos de espeleologia pelo Brasil, como por exemplo: os Aranhas, E. C. de Curitiba e Espeleo Grupo de Monte Sião.

Um acontecimento muito importante deste período é a publicação da primeira revista sobre espeleologia, produzida no Brasil pelos membros da SEE, em 1969 com o nome de ESPELEOLOGIA. Durante alguns anos foram publicados neste veículo de divulgação científica os trabalhos realizados pela SEE e outros artigos sobre geomorfologia cárstica.

Dos trabalhos realizados pela SEE neste período, destacam-se:

Ω na região de Eldorado/SP: na Caverna do Diabo, então Gruta da Tapagem, nos anos de 65 a 66, fazendo o seu primeiro mapa como também algumas observações bioespeleológicas.

Ω Gruta de Ubajara/CE: um dos primeiros levantamentos desta importante cavidade do Nordeste Brasileiro.

Ω Gruta Igrejinha/OP: também o seu primeiro levantamento topográfico.

Ω Edição da Revista Espeleologia até 1975.

Ω Primeiros levantamentos espeleológicos no município de Campo Formoso/BA.

Ω Prospecções e Mapeamentos Topográficos em várias cavernas de Minas Gerais e Bahia: Gruta da Cazanga (Arcos/MG), Lapa D'água (Montes Claros/MG), Lapa Vermelha e Lapinha (Pedro Leopoldo/MG) e Gruta da Mangabeira (Ituaçu/BA).

Ω Primeiros levantamentos em Coração de Jesus/MG.

Ω Em 1975, início dos trabalhos no Vale do Peruaçu, Januária/MG, descobrindo mais de 20 cavidades, como também o patrimônio arqueológico presente neste vale.

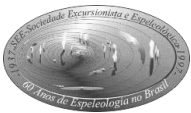
De 1976 a 1987

Pode-se dizer que é o período de maior expansão da Espeleologia a nível nacional. Vários outros grupos são criados, vinculados à Sociedade Brasileira de Espeleologia, entre eles: Espeleo Grupo de Brasília, Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas, Núcleo de Atividades Espeleológicas, Grupo de Espeleologia da Geologia - UnB, Bagrus e Opiliões.

Realiza-se na Caverna de Santana - Iporanga/SP, a primeira experiência de permanência subterrânea, a Operação Tatus I, com a participação de alguns espeleólogos brasileiros como Eleonora Trajano e Clayton F. Lino. Já em 1987, realiza-se a Operação Tatus II, na Gruta do Padre no município de Santana/BA, durante 21 dias, superando a primeira operação.

Outros grupos aparecem no cenário brasileiro, entre eles: GEEP-Açungui, GESCAMP, EGRK, e EGPL. Acentua-se a preocupação tanto com a espeleologia que vem se desenvolvendo no país como com as questões acerca da preservação ambiental.

Em finais da década de 70, firmaram o primeiro Convênio Técnico-Científico entre a SEE e o CETEC Centro Tecnológico de Minas Gerais, para a realização de prospecção e mapeamento espeleológico em alguns municípios de Minas



Gerais como por exemplo: Diamantina, Matozinhos, Pedro Leopoldo, Lagoa Santa, Cordisburgo e Sete Lagoas.

Em 1984, a SEE realiza seu primeiro mapeamento 6D, na Gruta da Igrejinha, além de publicar vários artigos na REM - Revista da Escola de Minas.

Em 1985, retoma os trabalhos espeleológicos no município de campo Formoso/BA, a convite do então Deputado Estadual Telécio (*in memoriam*), descobrindo um conduto de 3 km na Gruta Convento, fazendo com que ela passe a ter 9 km de desenvolvimento, assim como tantas outras cavidades, ultrapassando o número de 30, inclusive, em muitas destas, sendo registrada a presença de pinturas rupestres.

A SEE organiza os Congressos Brasileiros de 1985 e, obviamente, o de 1987, comemorando o seu Cinquentenário.

Aliás, quanto aos congressos nacionais, estes foram basicamente realizados em Ouro Preto, com algumas exceções como o de 1980 em Belo Horizonte, 1986 em Jundiá. A partir de 1987, os congressos passaram a ser de dois em dois anos.

Em Abril de 1985, realizou-se em Ouro Preto, sob a organização da SEE com o apoio da Escola de Minas, da Fundação Gorceix, da Universidade Federal de Ouro Preto e da SBE, o Encontro Mineiro de Espeleologia. Neste encontro reuniram-se representantes de vários grupos espeleológicos, não só de Minas Gerais como também dos outros estados.

De 1988 a 1997

A partir de 1988, a SEE passa por uma renovação no quadro de seus membros. Como ela sempre foi formada por alunos, primeiramente da Escola de Minas, depois também por alunos da Universidade Federal de Ouro Preto, quando estes formavam, dificilmente era dado continuidade na atuação dentro da Sociedade.

Assim, após o Cinquentenário, em 1987, ocorreu uma mudança radical neste quadro, permanecendo na Sociedade os alunos mais jovens, mas que tinham já alguns anos de convivência com os mais experientes que estavam deixando a SEE.

A SEE sempre realizou cursos de introdução à espeleologia destinados aos alunos interessados em ingressar na Sociedade. E sempre foi, e ainda é

dessa forma, que ocorre a renovação do quadro de membros e de futuros diretores da SEE.

Então, contando com esse quadro jovem, continuou-se a dar seqüência aos trabalhos pendentes como o levantamento espeleológico no Município de Campo Formoso/BA, que durou até julho de 1989.

Iniciou-se o trabalho espeleológico sobre o Carste em Quartzitos da Serra do Itacolomi, como também sobre os seus espeleotemas.

Os Congressos, a partir de 1987 não foram mais realizados em Ouro Preto. O XX Congresso Brasileiro de Espeleologia foi em 1989, sob a organização do GREGEO, na cidade de Brasília; o XXI em 1991, sob a organização do GEEP-Açungui, na cidade de Curitiba; o XXII em 1993, sob a organização do EGPL, em Montes Claros; o XXIII em 1995, sob a organização do EGMS, em Monte Sião. Infelizmente, desde o XVII (1985 - Ouro Preto) não se publicam os anais, com a única exceção do XX Congresso em Brasília, dificultando assim o acompanhamento da evolução científica da Espeleologia Brasileira.

Em 1988, realizou-se em Belo Horizonte, o I Congresso Latino Americano e do Caribe, com a participação de vários nomes da Espeleologia Mundial.

Em 1989, a SEE realizou um Ciclo de Estudos, que contou com palestras sobre Geoespeleologia, ministrada pelo Dr. Ivo Karmann, sócio da SBE e professor da Universidade de São Paulo; um outro ciclo, intitulado Introdução à Arqueologia, foi ministrado pelo Prof. Paulo Junqueira da Universidade Federal de Minas Gerais.

Nesse mesmo ano, após 16 anos, a SEE retornou ao município de Unaí-MG, a convite da prefeitura local, com o apoio da mesma e da Universidade Federal de Ouro Preto, realizando um novo mapeamento da Gruta Tamboril, ameaçada por uma mineração bem próxima da caverna.

Em 1991, a SEE, a UFOP-Departamento de Geologia, CETEC e CPRM, firmam um convênio que passou a se chamar PROJETO VIDA-Viabilização Industrial e Defesa Ambiental -que cobriria os municípios de Pedro Leopoldo, Lagoa Santa, Matozinhos, Sete Lagoas, entre outros, que concentram um grande número de cavidade como também um grande número de minerações de calcário.

Este Projeto durou até 1992, sendo encerrando por falta de verbas, sem ter sido

concluído. Abrangia várias áreas além da Espeleologia, como por exemplo: Geologia, Vegetação e Solo, Hidrologia, Geomorfologia, Hidrogeologia, etc.

Em 1992, a SEE, após 17 anos retornou ao Vale do Peruaçu, em Januária, retomando a prospecção espeleológica, mapeamento e levantamento fotográfico das cavidades lá existentes. Das cavidades já descobertas e trabalhadas pela SEE na década de 70, foram apenas verificadas e fotografadas pela equipe atual. Os trabalhos no Vale do Peruaçu continuam até hoje e, cada vez que se tem uma expedição, descobre-se mais cavernas. Hoje, este número já ultrapassa 30 cavidades descobertas pela SEE somente, pois, existem outros grupos que também trabalham na região.

Em 1994, realizou em Ouro Preto o III Encontro Mineiro de Espeleologia, que contou com a participação de vários grupos do Brasil, como também de alguns órgãos ambientalistas, pois, foi foco de discussão a situação do Vale do Peruaçu e a cientificidade da espeleologia brasileira. Anteriormente, realizou-se em Montes Claros, o II Encontro Mineiro de Espeleologia, em 1993.

Em 1995, a SEE firmou um convênio com a Antarctica Distribuidora de Bebidas, através da estimada Fundação Gorceix, na pessoa do Sr. Saulo Tárzia, conseguindo assim renovar todo seu material espeleológico, como o equipamento de iluminação que ainda era da década de 40, equipamento de técnicas verticais, computador e mesa digitalizadora, como também verbas para expedição à Januária e publicação do Informativo e da reedição da Revista Espeleologia.

A SEE realizou dois Cursos de Introdução à Espeleologia, a convite de outras universidades: um foi em Goiânia, pela Universidade Federal de Goiás e o outro em Anápolis, pela Universidade de Anápolis. Ambos tiveram um grande número de pessoas interessadas, de áreas como a Geografia e Biologia. A parte prática dos Cursos, realizou-se em Unaí, na Gruta Tamboril.

Atualmente, a SEE está envolvida no Projeto Espeleologia Urbana, que abrange áreas de ocupação urbana em setores de mineração do período colonial da Serra de Ouro Preto/MG, tratando dos problemas de deslizamentos, desabamentos e contaminação de águas destas áreas. Este projeto é, na verdade, um projeto integrado de iniciação científica intitulado "Antigas Minas de Ouro Preto - Impactos Físicos e Sócio-Culturais".

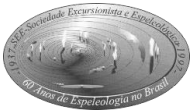
CONSIDERAÇÕES FINAIS

O XXIV Congresso Brasileiro de Espeleologia que se realizará em Julho na cidade de Ouro Preto, tem como tema os 60 Anos da Espeleologia Brasileira, que na verdade, são os 60 anos da Sociedade Excursionista e Espeleológica. Realmente, a Espeleologia como uma instituição teve seu início em 1937, quando passou a fazer parte da formação direta de alunos do grau superior, ligada a uma instituição de ensino de renome internacional - a Escola de Minas -, a qual sempre apoiou, fornecendo infra-estrutura mínima para que a SEE pudesse se desenvolver e chegar hoje aos seus 60 anos. Esse apoio também sempre veio para as expedições, publicações, realização de congressos e encontros mineiros, etc. Após a criação da Fundação Gorceix, esta também sempre financiou os trabalhos da SEE, inclusive muitas vezes conseguindo tais trabalhos em prefeituras e/ou minerações, que se viam com problemas ambientais que envolviam áreas cársticas.

Com a criação da Universidade Federal de Ouro Preto, em 1969, somente a partir da década de 70 e intensificando-se nas décadas seguintes, esta também concedeu o seu apoio financeiro, através da concessão de transporte, diárias e motoristas para que a SEE pudesse chegar às cavernas.

Nesta última década da Espeleologia Brasileira, temos outros grupos que também se destacaram como por exemplo, o Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas, que em 1993 completou 10 Anos de existência, o GEEP-Açungui que também completou 10 Anos de existência em 1996 e, agora em 1997 completa-se 10 Anos da Operação Tatus II.

Resta então, fazermos uma pergunta: a quantas anda a Espeleologia Brasileira? Para alguns, acredito que ela ainda não passa de um esporte radical, para outros de um "hobby", e ainda para outros, aqui me incluindo, ela busca sua cientificidade, ou seja, que os trabalhos espeleológicos realizados tenham uma preocupação e objetividade científicas, que busquem explicações acerca de morfogênese das cavernas brasileiras como também à respeito da espeleogênese, assim como, procurar soluções para as questões ambientais e de preservação do patrimônio espeleológico brasileiro. Dar um retorno à sociedade sempre foi uma preocupação e um pressuposto científico daqueles que buscam trabalhar profissionalmente em qualquer campo de atuação. E na Espeleologia não deveria ser diferente, apesar de que ainda pode-se continuar apenas fazendo



espeleologia por "hobby". Não devemos jamais separar cientificidade de profissionalismo.

Outra questão muito complicada, complexa e difícil de resolver, é acerca da preservação de áreas cársticas, principalmente porque envolvem diversos interesses, devendo haver uma atuação política mais eficiente dos órgãos competentes. Haja visto situações perigosas que ainda não se resolveram, como por exemplo o caso da Gruta Igreja - Ouro Preto/MG, que teve sua boca implodida por um minerador inescrupuloso, em 1986 e, até hoje, não foi reaberta, nem o minerador ainda não foi judicialmente cobrado. Além deste ato criminoso, cometeu outro, o desmatamento em torno da área da caverna.

Temos ainda outro exemplo como o da Gruta Lapa Nova, em Vazante/MG, que também se encontra em área de mineração e corre risco com as explosões, que afetam um dos seus salões - o Salão dos Espeleotemas -, um dos mais bonitos da

caverna. E, ainda outro caso como em Unaí, onde a Gruta Tamboril se vê ameaçada por uma mineração, a qual tem sua frente de lavra avançando em direção à gruta e desmatando o em torno também. Por toda Minas Gerais, um dos estados mais ricos em cavernas, ocorrem casos de destruição ambiental, por exemplo em Pains e Arcos.

Não podemos esquecer do maior tesouro mineiro que é o Vale do Peruaçu, hoje envolvido numa trama de preservação e interesses particulares que estão dificultando a criação efetiva de um Parque Nacional, ou pelo menos de uma área de proteção permanente.

Quanto aos espeleólogos que fizeram e fazem os 60 anos da Espeleologia Brasileira, se eu citar alguns com certeza esquecerei de muitos. Portanto, cabe a nós espeleólogos continuarmos firmes nos nossos propósitos para que a Espeleologia Brasileira ainda produza muitos frutos.